

# A Linguagem e a Formação da Identidade e/ou Constituição de Sujeitos Deficientes Mentais no Processo de Inclusão Escolar

## Autores

---

Carolina Avila Cisotto

## Orientador

---

Maria Inês Bacellar Monteiro

## Apoio Financeiro

---

Pibic

## 1. Introdução

---

Neste estudo consideramos que a maneira como o sujeito vê a si mesmo e se situa no mundo depende, fundamentalmente, da mensagem que ele recebe dos outros que lhe rodeiam.

Tal afirmação está apoiada em autores, tais como Bakhtin (1997) e Vigotski, que consideram que o sujeito e a linguagem são mutuamente constitutivos e a subjetividade decorre do princípio de alteridade, havendo sempre um inacabamento constituinte do sujeito: *“Na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos dos outros, sempre regressamos a nós mesmos...”* (BAKHTIN, 1997:32).

Outros autores também concordam com esta consideração. Glat (1989), por exemplo, diz que a identidade do sujeito se forma e se desenvolve, na maioria das vezes, em decorrência das percepções e representações dos outros. Daí decorre que a construção da identidade é um processo dinâmico e contínuo, que se inicia na família, o primeiro grupo social com a qual o sujeito inicia suas primeiras experiências, e depois se estende para o grupo social maior (vizinhança, escola, atividades culturais, trabalho, etc).

Na família, os valores culturais transmitidos, são reflexos dos valores culturais do grupo maior. A família media a relação entre o sujeito e o grupo. Se a sociedade define um padrão físico e comportamental como “normal”, o que foge deste padrão é tido como diferente, “estigmatizado”. O tido como normal, por sua vez, é definido através das tendências, portanto, os critérios de desvio, excepcionalidade, ou deficiência estão sempre relacionados com o contexto social. Sendo assim, a visão que o sujeito fará de si e do outro, dependerá do que é definido como normal ou não pelo grupo social.

Vygotsky, também teve como interesse estudar a linguagem como constitutiva do sujeito, procurando,

portanto, direcionar seus estudos para a relação entre pensamento e linguagem, entendendo a linguagem como um processo dinâmico que promove o desenvolvimento.

Para Vygotsky (1987), o desenvolvimento humano se dá à partir da interação social, do sujeito no seu meio cultural. O ser humano é constituído por uma dupla série de funções: Naturais – regidas por mecanismos biológicos e Culturais – regidas por leis históricas. Além disso, a emergência em cada ser humano das funções culturais segue uma lei geral, lei genética geral do desenvolvimento cultural, ou seja, cada função aparece em cena duas vezes, em dois planos, primeiro o social, depois o psicológico, primeiro entre pessoas com uma característica interpsicológica, depois no interior da criança, como característica intrapsicológica.

Buscamos neste estudo conhecer um pouco da natureza social da constituição do sujeito deficiente mental, ou seja, a identidade pessoal deste sujeito que se forma e se desenvolve como produto da relação com os outros.

Consideramos a linguagem um fator importante para o desenvolvimento mental da criança, organizando e planejando seus pensamentos, além de sua função social e comunicativa. É com a linguagem que a criança relaciona-se com o conhecimento humano, adquirindo, através dela, os conceitos do meio em que está inserida.

Assim, partimos da constatação de que a identidade do sujeito é construída através dos significados atribuídos pelos outros às ações das crianças, o que significa dizer que para entendermos a formação do indivíduo devemos olhar para como os outros interpretam suas características e ações.

Neste sentido, a inclusão escolar precisa considerar o que a escola tem proporcionado para a formação dos sujeitos deficientes mentais que estão incluídos em suas salas de aula regulares.

## 2. Objetivos

---

Tivemos como objetivo inicial avaliar qual a imagem que sujeitos deficientes mentais incluídos na rede regular de ensino têm de si mesmo e como seus colegas estão significando e participando na construção desta imagem.

Mais especificamente, buscamos avaliar a opinião daqueles que tem maior representação para o sujeito deficiente mental e identificar qual a contribuição dos amigos ou colegas na constituição da identidade destes sujeitos.

Considerando-se a linguagem como uma atividade constitutiva do sujeito, buscamos neste estudo, avaliar o seu papel na construção da identidade dos sujeitos.

## 3. Desenvolvimento

---

Para compreendermos melhor a situação dos alunos deficientes mentais, incluídos na rede regular de ensino, entrevistamos dois alunos: R – jovem de 19 anos que apresenta Síndrome de Down e frequenta escola regular desde a primeira série do ensino Fundamental e L – criança de 9 anos que apresenta Síndrome de Down e frequenta escola regular desde 2005. Frequentava fonoaudióloga, psicóloga, fisioterapeuta e estuda na 2ª série. À partir destas entrevistas iniciais, identificamos nos discursos dos sujeitos, quem eram os colegas que eles consideravam como amigos. Entrevistamos então estes colegas, num total de seis (A1, A2, A3, A4, A5, A6). O texto aqui apresentado refere-se às entrevistas realizadas com estes colegas, indicados por R e L como seus amigos.

Adotamos a entrevista aberta com o objetivo de permitir uma maior riqueza de informações sobre o pensamento dos entrevistados. No decorrer da entrevista, foram geradas perguntas, não necessariamente previstas no roteiro elaborado anteriormente, no sentido de maior explicitação de idéias e desenvolvimento do pensamento.

Como consequência da informalidade do momento das entrevistas, nas transcrições de trechos dos diálogos, mantivemos a forma de expressar dos participantes (entrevistador e entrevistado), na tentativa de garantir a fidelidade às informações conseguidas, e de convidar o leitor a participar das análises. Durante o processo, as questões inicialmente levantadas (do roteiro inicial) foram ganhando novas formas, fazendo com que algumas temáticas fossem escolhidas, outras não, dependendo da ênfase dada pelo entrevistado.

Segundo Wertsch (1998), a pesquisa desenvolvida num enfoque histórico-cultural permite o entendimento da relação entre o funcionamento mental humano e os contextos culturais, históricos e institucionais.

Os equipamentos utilizados para a coleta e análise de dados foram: gravador de fita cassete, fita cassete e aparelho de som. Este material faz parte do projeto “Grupo terapêutico fonoaudiológico: constituindo um saber” (FAP/CNPq).

#### **4. Resultados**

---

As entrevistas realizadas permitiram refletir sobre como os colegas, de sujeitos identificados como deficientes mentais, estão significando e participando na construção da imagem que estes sujeitos fazem de si mesmo.

Apresentamos neste texto episódios que permitem avaliar comportamentos sociais considerados como infantis dos sujeitos deficientes mentais pode estar sendo influenciada pela visão que os colegas (outros), fazem deles.

Os colegas, considerados amigos, revelam em alguns de seus dizeres a imagem infantil que tem do sujeito. Quando, por exemplo, A1 fala sobre sua relação com R, um jovem de 19 anos e diz que “brinca” com ele. Chama a atenção a forma de se referir aos relacionamentos com o colega que não é comum entre os jovens. Como no episódio que se segue:

*“...E: Qual é sua relação com o Rafinha?”*

*A1: Ramos?*

*E: É.*

*A1: Eu brinco com ele, é até divertido, tem hora que ele fala “Para, para”, a gente fica brincando com ele, tem vez que ele gosta, tem vez que ele não gosta...”*

Em outros dizeres, os colegas mostram que existe uma preocupação em olhá-lo como adulto, mas quando falam sobre esta forma de tratá-lo, acabam revelando uma certa ambigüidade, mostrando ainda um sentimento infantil na maneira de se referir a ele. É o que acontece com A4 quando conta da festa de aniversário e da preocupação da mãe em fazer uma festa de “adulto”, com cerveja inclusive. A4 avalia esta forma de se comportar como adulto, como se referisse a uma criança brincando de ser adulto (...É ele se sente o dono da, da coisa, se sente bem, muito bem, a é um sarro o R(diminutivo)...):

*“...A4: Particpei. Teve um na oitava série, que foi bastante, mais gente do que o ano passado. O da oitava e é aquele negócio, no aniversário dele sempre tem, tem que ter cerveja porque ele se sente adulto, a mãe dele faz os gostos dele pra ele, como fala, se sentir uma pessoa normal no caso, e o ano passado também teve, nós fomos e ainda fomos pro rio, brincamos na água.*

*E: A que daí foi na chácara?*

A4: Na chácara.

E: A que jóia.

A4: E como minha vó mora perto da chácara dele, então fui na casa da minha avó e depois fui no aniversarinho dele.

E: (Realiza vocalização afirmativa).

A4: A, mas ele, como que? É ele se sente o dono da, da coisa, se sente bem, muito bem, a é um sarro o R(diminutivo)...

As entrevistas com os colegas/amigos de L (menina de 9 anos de idade), mostram alguns comportamentos de L que poderiam estar contribuindo para uma visão infantil por parte dos colegas. Quando A5 conta como são os relacionamentos de L na escola, aponta a dificuldade em lidar com seu comportamento agressivo:

“...A5: É eu e a Marcela só, quando as vezes a gente fica com ela. As vezes quando a gente tá com ela, ela tacou já o pau no olho da Marcela.

E: Ela bateu na Marcela?

A5: Ela bateu em mim, ela já deu um tapão na minha cara.

E: Por que?

*A5: Não sei, é porque ela estava prendendo um monte de aluno ali daí eu falei, L tem que deixar eles saírem, daí ela saiu mas daí ela deu tapa na minha cara antes dela sair correndo.*

*E: A ela ficou brava porque você falou pra ela era... não podia fazer.*

*A5: É...”*

## 5. Considerações Finais

---

Este estudo nos leva a compreender o quanto ainda é difícil mudar a imagem do sujeito deficiente mental.

A transformação da imagem infantil dos sujeitos deficientes mentais é essencial para o desenvolvimento da linguagem e para sua constituição.

Precisamos mudar a maneira de olhar para esses jovens e adultos, promovendo práticas realmente significativas para que eles possam identificar-se como tais, com direitos e deveres de cidadãos.

Para conseguirmos obter as mudanças necessárias precisamos ações que incidam sobre aqueles que os rodeiam, ou seja, a família, os amigos, os colegas e o grupo social em geral. É urgente que tais ações se iniciem e que considerem a natureza do processo muitas vezes lento e difícil para conquistar mudanças nos valores e práticas sociais.

As mudanças na visão do grupo social sobre o deficiente ocorrem lentamente mas poderão trazer benefícios significativos para a inclusão social.

## Referências Bibliográficas

---

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1997.

GÓES, Maria Cecília Rafael. **Desafios da inclusão de alunos especiais:** a escolarização do aprendiz e sua constituição como pessoa. In: GÓES, Maria Cecília Rafael; LAPLANE, Adriana Lia Frizman (orgs). Políticas e práticas da educação inclusiva. Campinas, SP: Autores Associados, 2004, p. 69 – 91.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1987.

WERTSCH, James V. **A necessidade da ação na pesquisa sociocultural.** In: WERTSCH, James V; RIO, Pablo del; ALVAREZ, A. **Estudos Socioculturais da mente.** Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas Sul Ltda., p. 56-71, 1998.